

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC/Funasa)**

**Brasília-DF, 19 de setembro de 2007**

Não se preocupem que eu não vou ler o discurso. O problema de não ler é que a gente esquece de parar.

Mas eu queria cumprimentar o nosso companheiro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Cumprimentar a governadora Ana Júlia Carepa, governadora do Pará,

Cumprimentar os governadores Jaques Wagner, da Bahia; Jackson Lago, do Maranhão; Eduardo Braga, do Amazonas – você não sabe quantos milhões de hectares de terra você deu para um e tirou do outro –, Alcides Rodrigues, governador do estado de Goiás; Wellington Dias, governador do Piauí; nosso querido Eduardo Braga, do Amazonas; Binho Marques, do Acre; Marcelo de Carvalho Miranda, do estado de Tocantins, e Luiz Fernando Pezão, governador em exercício do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar a companheira Dilma Rousseff,

Quero cumprimentar o Temporão, o nosso companheiro Geddel, o nosso companheiro Márcio Fortes,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Márcio das Chagas, secretário especial interino de Políticas da Igualdade Racial,

Quero cumprimentar o vice-governador Iberê Paiva Ferreira de Souza, do Rio Grande do Norte, e José Vanderley Neto, de Alagoas,

Quero cumprimentar o Danilo pelo excelente trabalho construído junto com a Casa Civil para a apresentação do PAC.

E quero aqui, companheiro Arlindo Chinaglia, começar fazendo justiça a quem merece de vez em quando receber elogios. Eu quero agradecer, mas agradecer do fundo do coração, aos deputados e senadores que facilitaram a vida deste País aprovando, em tempo recorde, quase todas as medidas do PAC que nós mandamos para o Congresso Nacional. Muitas vezes a gente só

vê a desgraça, muitas vezes a gente só ouve aquilo que as pessoas falam contra, mas as pessoas muitas vezes não se dão conta de que entre críticas e elogios, entre altos e baixos, o Congresso Nacional, através do Senado e da Câmara dos Deputados, tem dado uma contribuição extraordinária para que a gente possa ir aprovando as coisas que são prioritárias para este País. Muitas vezes é difícil, mas a dificuldade decorre do fato da democracia permitir que haja o debate. E o Congresso Nacional é a representação mais fiel do que representa a sociedade brasileira, dos interesses da sociedade, dos agrupamentos existentes na sociedade. Portanto, se tiver que ter divergência, tem que ter no Congresso Nacional.

Eu, como presidente da República, Arlindo, não tenho nenhuma ilusão e não trabalho com essa hipótese de que cada projeto que o Poder Executivo manda para o Congresso Nacional tem que ser votado *ipsis litteris* aquilo que o governo deseja. Já foi provado, muitas vezes, que o Congresso Nacional consegue melhorar propostas do Poder Executivo, e eu já tenho muita experiência disso.

Então, eu quero agradecer, porque eu também fui deputado, eu sei que muitas vezes a crítica generaliza. A crítica, às vezes, não fala, a crítica quer criticar a ausência mas não diz quem está presente, portanto, coloca todo mundo na ausência. E eu acho que é normal as pessoas votarem contra ou a favor, e trabalho com a certeza de que nós iremos continuar fazendo o esforço para que as coisas importantes do PAC que ainda faltam ser votadas no Congresso Nacional, certamente sejam votadas.

Agora mesmo estamos com uma discussão sobre a CPMF, e qualquer pessoa de juízo neste País, a não ser aqueles que querem inviabilizar o Brasil, sabem que nem o governo Lula e nem o governo de qualquer outro ser humano poderia abrir mão da CPMF nesse instante neste País. Aqueles que acham que é simples acabar deveriam propor acabar depois de 2010, para saber que nenhum governo, nem do PT, nem do PMDB, nem do PSDB, nem do PFL, se viessem mais partidos novos, ninguém conseguiria governar este País sem a CPMF, hoje.

A segunda coisa, que para mim está muito clara, é que o Brasil vive um momento, eu diria, excepcional nesses últimos 30 anos. As coisas estão indo tão bem que ontem, não sei se hoje ou ontem, na China, às 11h26 da manhã,

foi lançado o Satélite CBERS-2B, construído no INPE. Esse satélite entrou em órbita, está a 778 quilômetros de altura, é um satélite que gira em torno da Terra, do Pólo Norte para o Pólo Sul, a cada hora ele dá uma volta em torno da Terra, a cada 1h40 ele tira uma foto, e nós então vamos poder cuidar muito melhor da devastação da Amazônia, das queimadas, porque agora vamos ter foto de 1h40 em 1h40 e poderemos sistematizá-la melhor.

Quero agradecer aos nossos companheiros das comunidades indígenas. É importante lembrar que o que estamos fazendo aqui hoje não é favor, é um direito que as comunidades indígenas têm de receber o mesmo tratamento, o mesmo olhar no Orçamento que as comunidades não-indígenas.

Quero agradecer aos quilombolas aqui presentes, porque depois de 3 séculos e meio de escravidão, nós estamos hoje dando aos remanescentes de escravos neste País a dignidade que eles já conquistaram na Constituição de 1988, mas muitas vezes a diferença da garantia institucional com a prática administrativa não combina e nós sabemos que muitas vezes era difícil um olhar do governo federal, do governo estadual ou do governo municipal para uma comunidade que está a 30, 40 quilômetros do centro da cidade, porque nós governantes, muitas vezes, governamos subordinados à pressão momentânea e quem pode fazer as pressões são os grupos organizados que podem ir a Brasília, que podem ir à capital do estado ou que podem ir ao centro da cidade.

Uma boa parte desses que estão sendo beneficiados não pode, não tem dinheiro para pagar transporte, não tem dinheiro para ficar nas cidades 3 ou 4 dias comendo, mas nós estamos atendendo uma demanda que é resultado do aprendizado de todos nós que estamos aqui, porque foi assim entendido.

O PAC, são 504 bilhões de reais. Desses 504 bilhões de reais, 40 bilhões são para saneamento básico e, desses, 4 bilhões nós resolvemos dedicar àqueles que têm menos sorte neste País. As cidades com até 50 mil habitantes, que muitas vezes não recebem o olhar de um presidente da República, muitas vezes, se têm um deputado aqui em Brasília, são atendidos, se não têm, não são atendidos. Esses prefeitos das cidades de até 50 mil habitantes estão sendo atendidos e estão sendo atendidos, não com o critério partidário. Eu não sei a que partido vocês pertencem, eu não sei quantos prefeitos tem do PMDB, do PFL, do PSDB, do PT, do PSB, do PDT, do PP, do

PR, do PRB, não sei e não quero saber. Eu quero saber é que vocês foram eleitos há 3 anos para governar a cidade de vocês, eu sei que o povo de vocês passa necessidade por todos os estudos que nós recebemos do Ministério da Saúde ou pesquisa do IBGE. Portanto, eu não quero saber a sigla do partido ou o número da legenda, eu quero saber a quantidade de pessoas que precisam ser tratadas naquela cidade e o dinheiro da Funasa chegará lá, sem nenhuma coloração partidária.

É importante lembrar que para que a gente pudesse fazer esse PAC nós levamos em conta alguns critérios que o Danilo aqui explicitou. Danilo, só houve uma falha na sua apresentação. É que os companheiros que vieram montar essas placas aqui, o telão, poderiam ter colocado no lugar dessa placa da Funasa, assim todo mundo via. Metade deixou de ver porque ela está muito de escanteio. Na próxima a gente melhora, quem sabe amanhã. Nós vamos aonde amanhã? Manaus? Em São Gabriel da Cachoeira. Vamos lançar um PAC, simbolicamente, com as comunidades indígenas.

Mas eu queria dizer para vocês que o critério é simples. O critério é o seguinte: municípios com alto índice de Doença de Chagas, aqui é um dado importante Michel Temer, presidente do PMDB. Eu até outro dia achava que Doença de Chagas era uma coisa do meu Nordeste, eu não achava que tinha Doença de Chagas em outro estado da Federação, e por conta do PAC e a discussão da Doença de Chagas, eu descobri que um dos estados que tem grande índice de Doença de Chagas é o Rio Grande do Sul, ali na região noroeste, na divisa com Santa Catarina. Nós também estamos levando em conta a questão da malária. Nós sabemos que é uma doença que tem maior incidência na região Norte do País, sabemos o que produz de malária o igarapé maltratado, e nós queremos, então, privilegiar esses dois segmentos: malária e Doença de Chagas. Depois queremos também premiar um outro segmento, que é o índice de mortalidade infantil, as cidades com maior incidência de mortalidade infantil. As cidades com maior incidência de mortalidade infantil, obviamente que vão ser premiadas no PAC porque o saneamento básico tem muito a ver com a diminuição de determinadas doenças que vitimam crianças neste País.

Bem, vocês poderão estar perguntando: “mas ainda está faltando cidade

neste País”. Está faltando cidade de 50 a 150 mil habitantes, que nós vamos atender com outro dinheiro que vocês aprovaram no Congresso Nacional, aquele famoso FNHIS, que é o Financiamento de Habitação de Interesse Social. São 2 bilhões de reais. Já fizemos o sorteio do 1º bilhão, agora no final do ano ou em janeiro vamos fazer o sorteio de mais 1 bilhão para que a gente possa atender as cidades de 50 a 150 mil habitantes. Feito isso, eu posso dizer de peito aberto aos deputados e às deputadas, aos prefeitos e às prefeitas, aos ministros, aos governadores e às governadoras, que vocês participaram da legislatura que mais investiu em saneamento básico em todos os 500 anos de história deste País.

Muita gente, e eu tenho dito todo dia, muitos prefeitos companheiros e os deputados sabem disso, a cultura política do Brasil nos ensinava que a gente não deveria gastar dinheiro com saneamento básico. Saneamento básico é uma coisa muito ruim porque você coloca uma manilha embaixo da terra, joga terra em cima, cobre ela, coloca asfalto e ninguém vê. As pessoas, ao longo da história do Brasil, preferiam fazer obras que tivessem visibilidade, que pudessem ser uma ponte para colocar o nome do tio, da tia, da avó, do bisavô. É sempre uma coisa meio parentesco. Agora o povo está ficando inteligente e os políticos também estão ficando inteligentes. O troféu que a gente vai ter orgulho de homenagear daqui para a frente, não é um parente morto com o nome numa placa, mas é uma criança de 3, 4 anos de idade, não pisando mais em esgoto a céu aberto, uma criança bebendo água potável, uma criança tendo a respeitabilidade que este País tem que dar, porque nós também, se olharmos na pesquisa da Pnad, vamos perceber, nós cuidamos muito bem dos idosos, mas é preciso ter uma política mais dedicada para as crianças deste País, para permitir que elas nasçam, cresçam com saúde e vivam, até quando Deus quiser, com saúde.

Esse PAC, companheiros, é a maior experiência administrativa neste País. Eu, que acabo de assistir, antes de chegar aqui, por isso cheguei atrasado, à apresentação que a ministra Dilma, os ministros ligados ao PAC, o ministro Guido e o Paulo Bernardo vão dar amanhã para a imprensa, porque eu não sei se vocês sabem, nós prestamos contas à imprensa a cada 4 meses. Como está a obra? Se ela está boa é um sinal verde. Se ela está com um

probleminha é sinal amarelo, se ela está com um problemão é sinal vermelho. Mas nós apresentamos e cada deputado, é importante acompanhar isso, é só entrar no site do PAC que vai ter as informações. Às vezes vocês vão ver uma obra em vermelho, às vezes é uma ação do Ministério Público local, em que um deputado pode ajudar, às vezes é uma ação judicial do estado em que o deputado ou a deputada podem ajudar. Se todos nós ficarmos alertas, a gente vai poder provar que este País pode pensar, pode planejar, pode licenciar e pode executar obras, porque uma das deficiências do País era a distância entre o discurso do presidente e a execução da obra. E vocês vão ver na apresentação amanhã, uma aproximação extraordinária daquilo que a gente está fazendo de projetos, aquilo que a gente está licenciando, aquilo que a gente está empenhando e aquilo que a gente está pagando: são 504 bilhões de reais. E nós precisamos trabalhar para chegar no dia 31 de dezembro de 2010, quando termina o meu e o mandato de vocês, e poder perceber que nós conseguimos aplicar a totalidade desse dinheiro. E o resultado é mais crescimento econômico, mais distribuição de renda, melhoria da qualidade do povo e mais dignidade para os milhões de brasileiros que foram deserdados durante tantos e tantos anos.

Para terminar, meus companheiros e minhas companheiras, eu, na semana passada e nesta, já disse para vocês que me considero um homem feliz, porque estou vivendo o melhor momento da minha vida como presidente da República. Eu estou vivendo porque quem é prefeito aqui sabe: administrar é a gente plantar uma semente e às vezes a gente fica olhando se a semente nasce. Ela, às vezes, demora mais para nascer do que a gente esperava. E nós, hoje, estamos colhendo exatamente aquilo que nós plantamos, nem mais e nem menos. Quando nós cunhamos o *slogan* “Brasil, um País de Todos”, é porque nós, efetivamente, queremos e vamos governar para todos. Mas, entre esses todos, nós temos que olhar uma parte que precisa mais do Estado do que outra parte. Tem alguém que pode esperar um dia, porque tomou café, almoçou e jantou, e tem outros que não podem esperar uma hora, porque se não comerem, morrem de fome. E é por isso que nós temos uma política privilegiando, de forma prioritária, os setores mais empobrecidos da população. Até porque o Brasil que eu sonho é um país de uma classe média muito ampla. Eu não quero 35 milhões de classe média, cinco milhões de ricos e 100

milhões de pobres, não. Eu quero é que tenha uma maioria de gente na classe média, nas universidades, pessoas que tenham acesso à cultura, ao lazer, que possam ter acesso à saúde. E o Temporão vai apresentar logo, logo, um programa novo, um paczinho para a saúde, que é para a gente fazer uma consertação.

É importante os deputados saberem que eu sou favorável à regulamentação da Emenda nº 29, porque os governadores precisam contribuir, aplicando na saúde aquilo que está na Constituição. Tem governador, como Eduardo Braga, que aplica 25%, mas tem estado que só aplica 4%. Não vou dizer o nome, só falo coisa boa, não vou falar coisa ruim. É preciso que a gente fiscalize, porque senão a gente fica atirando na pessoa errada, fica atirando num animalzinho, que não devemos atirar, e vai atingir um outro. Então, nós queremos que seja regulamentada a Emenda nº 29. Eu quero que os deputados decidam claramente o que é investimento em saúde, para que todo mundo saiba e todo mundo fiscalize.

Por último, companheiros, eu queria dizer para vocês que, se não bastassem outros motivos para eu estar feliz, a gente vê a pesquisa do IBGE sobre o crescimento da economia brasileira, sobre o crescimento da produção industrial, e vê os números da PNAD que demonstram que a semente plantada e adubada dá resultado. E quero partilhar isso com vocês, com cada prefeito, com cada companheiro trabalhador, com cada índio, com cada negro, com cada mulher, com cada homem. Porque neste País, vocês percebem que quando você tem um campeonato de futebol, uma Copa do Mundo, os governantes só recebem quem ganha, quem perde vira cidadão de segunda categoria. E eu estou muito à vontade, porque já estou há quatro anos e meio no governo, Arlindo, e não faço uma crítica ao Congresso Nacional, porque também neste País, quando as coisas vão bem, o mérito é do governo, quando as coisas vão mal, o mérito é dos deputados, o mérito é da crise internacional.

Nós estamos provando o seguinte: quem é parceiro, é parceiro para comer o prato cheio e é parceiro para ficar olhando o prato vazio junto, é parceiro nos bons e nos maus momentos. E não precisamos jogar a culpa nos outros não, nós temos que consertar aquilo que não está andando. “Ah, porque a economia brasileira vai mal, porque tem uma crise internacional.” Tem uma crise internacional agora. Os Estados Unidos trabalharam, equivocadamente, o

financiamento habitacional tem uma crise dos títulos imobiliários americanos, que os economistas chamam de *subprime*. Você entendeu, Gonzaguinha? *Subprime*, não dá nem para falar, isso é um nome de um título americano.

Pois bem, essa crise que está envolvendo a Europa, está envolvendo os bancos americanos, está envolvendo, na verdade, todos aqueles que compraram títulos que não eram de qualidade, achando que iam ganhar dinheiro como se estivessem num cassino. A porca entortou o rabo, não deu certo e agora eles estão perdendo. E o Brasil até agora está tranquilo. Até agora essa crise não chegou à fronteira brasileira, nem à fronteira terrestre, nem à fronteira oceânica, porque nós nos preparamos juntando um volume de reservas de 162 bilhões de dólares, diminuindo a nossa dívida externa. Não devemos nada ao FMI, não devemos nada ao Clube de Paris.

E, mais ainda, agora estamos oferecendo ao mundo um novo combustível, uma nova matriz energética, estamos oferecendo ao mundo uma matriz energética capaz de garantir que o Brasil seja o maior detentor dessa tecnologia nova, que pode despoluir o Planeta que os países ricos poluíram. É este País, meus companheiros, que vocês estão me ajudando a construir, é este País muito melhor que nós vamos colher no final do nosso mandato. O grande legado que eu espero que um presidente da República como eu deixe para o meu sucessor é ele pegar um País muito mais arrumado, muito mais engrenado. Este País não tinha sequer projeto. Parte da demora do PAC são cidades e governos de estados e o governo federal, que não tinham projetos, e não é possível governar o País sem que você tenha uma banca de projetos para poder tirar da gaveta na hora em que você entender que aquela obra é prioritária.

Por isso, meus companheiros prefeitos e prefeitas das cidades com menos de 50 mil habitantes, meus companheiros representantes das comunidades indígenas, meus companheiros e companheiras representantes das comunidades quilombolas, meus companheiros e companheiras deputados e deputadas, senadores e senadoras, ministros e ministras, governadores e governadoras, se a gente continuar agindo com a seriedade com que estamos agindo, com a sobriedade com que estamos agindo, eu posso dizer para vocês: ninguém segura este País. Este País se transformará numa grande economia mundial.



Eu, Arlindo, sei que você tem mais um ano de mandato na Câmara, um ano e pouco, você vai viver bons dias neste País, construindo as parcerias com a autonomia necessária da Câmara com o Poder Executivo, mas eu estou convencido, meu caro Arlindo, de que esses seus cabelos brancos ficarão mais negros se você conseguir aprovar tudo o que nós vamos mandar para lá.

Um grande abraço, que Deus nos abençoe e que o PAC possa ser executado na sua plenitude.